

A Mediação das cartas dos leitores na mídia: mapas imaginários sobre Porto Alegre

Valdir Jose Morigi,
Carla Pires Vieira da Rocha,
Marcia Castro

RESUMO

O artigo faz parte da pesquisa **Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade**, cujo objetivo é compreender como é construído o imaginário dos cidadãos porto-alegrenses a partir do cruzamento das representações sobre a cidade que circulam nos meios de comunicação e os dados oficiais, identificando as diferentes dimensões na construção dos imaginários urbanos. Mostra as representações dos leitores do jornal Zero Hora de Porto Alegre sobre a cidade, por meio das suas narrativas. O *corpus* da análise foi constituído pelas cartas dos leitores enviadas a *Zero Hora* por ocasião de um concurso promovido pela TIM (Telecom Itália Móvil), intitulado “**A Minha Capital**”, em comemoração aos 235 anos da capital gaúcha no ano de 2007. Conclui-se que o jornal impresso, ao veicular os conteúdos informativos das narrativas, faz circular imagens sobre Porto Alegre e dos seus habitantes, permeadas por símbolos que tem como referência o imaginário instituído sobre a cidade, baseado em uma relação dos cidadãos que reforça os laços de pertencimento com o lugar e com a sua identidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário urbano. Mídia. Identidade cultural. Porto Alegre imaginada.

1 Introdução

A pesquisa **Porto Alegre Imaginada: as representações dos cidadãos sobre a cidade** é parte de um estudo elaborado a partir de uma metodologia criada por Armando Silva (2001) que visa conhecer os imaginários urbanos da América Latina, extensivo também para algumas urbes europeias. Conforme a metodologia do autor, a pesquisa foi dividida em três eixos que se entrecruzam: no primeiro eixo, a cidade foi dividida em quatro quadrantes que serviram de base à realização de uma enquête com o objetivo de verificar quais as percepções dos cidadãos sobre a cidade e seus diferentes espaços. O segundo eixo verifica como os diferentes meios de comunicação veiculam as informações, os sons, as significações e as imagens sobre a cidade. O terceiro eixo faz o cruzamento entre o que compõe os imaginários dos cidadãos e a sua articulação com as narrativas dos meios, mostrando como estes ajudam a construir o imaginário dos porto-alegrenses sobre a cidade.

Nossa especificidade na pesquisa foi mostrar como os cidadãos percebem os espaços da cidade, através das narrativas, e como o jornal impresso exerce a mediação, ao fazer circular as representações expressas nos conteúdos informativos das narrativas dos cidadãos. Para tanto, tomamos como material empírico de análise as cartas dos participantes do concurso “**A Minha Capital**”, promovido pelo jornal *Zero Hora* no ano de 2007, com patrocínio da TIM (Telecom Itália Móvil), em comemoração aos 235 anos da cidade.

De um total de 115 cartas participantes do referido concurso, foram selecionadas para o recorte de estudo 10 entre aquelas publicadas pelo jornal durante o mês de março. Tomando como base a narratologia, foram analisados os seguintes elementos nas narrativas das cartas:

- a) personagem ou identificação do perfil do narrador;
- b) tema ou enredo;
- c) espaço ou cenário;
- d) tempo a que se referem os narradores;
- e) linguagem;
- f) caracterização do suporte (como as cartas se apresentam).

Partindo-se do levantamento desses elementos narrativos presentes nas cartas, buscou-se a síntese desse imaginário particular e espontâneo sobre “**A Minha Capital**”.

A partir da análise das narrativas pode-se compreender como são tecidos os mapas imaginários sobre a cidade e como são construídas as narrativas urbanas. A partir das cartas publicadas do Jornal, foi possível perceber a mediação que a mídia impressa

exerce na construção dos imaginários dos cidadãos sobre a cidade.

2 Representações e imaginário: mediações das narrativas na construção dos mapas imaginários da cidade

As relações entre representações e imaginário possuem um grau de complexidade conceitual difícil de precisar. Em grande parte dos estudos, os autores acabam privilegiando um ou outro conceito sem estabelecer as diferenças entre ambos.¹

¹ Para essa discussão ver LEGROS, 2007.

Na medida em que se constitui como uma ação comunicativa que envolve trocas simbólicas, atribuições e uma compreensão em consonância com o contexto social que a recebe, a representação acaba se estabelecendo como uma imagem em um suporte qualquer.

De acordo com Legros (2007, p.133), a representação é “[...] uma prática e adquire um valor particular.” Por outro lado, este mesmo autor argumenta que, independente da perspectiva analítica (sociológica ou psicológica), “[...] a representação social pode sempre, ser considerada como a emissora valorizada e normativa de um objeto ausente. O objeto em representação não pode ser destacado da norma e do valor que lhe são atribuídos.” (2007, p.133).

Nessa perspectiva, a prática social, enquanto representação, poderá potencializar numerosas realizações cognitivas, como a própria legitimação da representação. Ou seja, tal legitimação inclui as crenças estabelecidas e seu compartilhamento, assim como os padrões tidos como “anormais” que fogem à normatização estabelecida pelas regras de convívio social e suas representações. Uma prática representacional pode tanto convergir como competir com outra. Do mesmo modo, ela pode tencionar, conflitar um determinado esquema cognitivo (LEGROS, 2007). Neste sentido, cabe ainda observar que as representações estão sempre assentadas em campos de disputas e competições que se expressam na forma de poder e dominação (CHARTIER, 1996).

Como nos explica Jodelet (2005), a teoria das representações possui sua base social no campo das interações sociais. São as representações que garantem o processo de comunicação entre os homens. A sua construção, suas imagens e seus conteúdos estão vinculados às práticas sociais. O seu alcance prático pode ser encontrado nas “[...] propriedades do verdadeiro conhecimento, que diz alguma coisa sobre o estado do nosso ambiente e guia nossa ação sobre ele. É preciso, pois, estudá-las como conhecimentos sociais [...]” (2005, p.41). Dessa forma, podemos compreender sua ligação com o comportamento dos grupos dos indivíduos.

Em tal âmbito, a linguagem adquire uma particular importância, pois é através dela que os discursos se objetivam, colocando em prática os saberes e as experiências compartilhadas em uma

mesma cultura. Os saberes e as representações, enquanto estruturas, são o resultado dos processos interativos entre os dados da experiência e os quadros sociais de sua apreensão e memorização. Por isso, a dimensão social da comunicação presente em todo modelo do conhecimento precisa ser considerada.

Ainda segundo Jodelet (2005, p.22), as representações sociais podem ser definidas como: “Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” Já na visão de Jovchelovitch (2008), a Teoria das Representações Sociais é uma teoria dos saberes sociais, pois as representações estão na base de todos os sistemas de saber, dirigindo-se à construção e à transformação destes em relação aos diferentes contextos sociais. A este respeito a autora afirma:

A teoria das representações sociais tem interesse em trazer à luz a estrutura das visões de mundo, das crenças e formas de vida que produzem teorias sobre a vida cotidiana e os saberes que ela contém. Este saber, que é sempre plural, está profundamente ligado ao mundo da vida e à experiência vivida de uma comunidade, demarcando seus referenciais de pensamento, ação e relacionamento [...] a teoria [...] luta contra a idéia de que o conhecimento cotidiano é distorção e erro; pelo contrário, ela tenta recuperar o status epistemológico dos saberes ligados à vida cotidiana e ao senso comum e ‘entender os entendimentos’ que eles expressam. Na leitura e saber de sujeitos sociais sobre o mundo estão contidos hábitos culturais, identidades, tradições culturais, emoções e práticas de vários tipos. Todas estas dimensões penetram os sistemas de conhecimento e lhes permite representar de uma só vez o mundo dos objetivos, subjetivos e intersubjetivos (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 87-88).

Tal forma de conhecimento social corresponde a um conjunto de informações, crenças e opiniões em relação a um determinado objeto, ordenadas a partir das experiências e trocas entre os sujeitos sociais, indivíduos ou grupos, que participam e compartilham de um contexto sociocultural. Conforme Jodelet (2005, p.50), isso significa um “[...] conhecimento social, cuja gênese, propriedades e funções devem ser relacionadas com os processos que afetam a vida e a comunicação sociais, com os mecanismos que concorrem para definição da identidade e a especificidade dos sujeitos sociais.”

As propriedades do cognitivo estão nos processos de modelização do pensamento e na noção de “estruturas formais”. Referidas estruturas ancoram as narrativas sociais e os “esquemas organizadores” das práticas discursivas - responsáveis pela constituição de imaginários - que estão condensados e materializados na forma de camadas, semelhantes a sedimentações de blocos geológicos. Por entre essas camadas, atravessam as palavras - veiculadoras de sentidos -, bem como as imagens que circulam nos discursos sociais, configurando a forma dos pensamentos sociais. Nesta perspectiva, é que podemos falar em imaginários de épocas.

Jodelet (2005) ainda enfatiza a existência de um entrela-

çamento profundo entre as produções mentais e as dimensões materiais e funcionais da vida coletiva, renovando a forma de abordar a produção social dos conhecimentos e da sua relação com as práticas. Nessa mesma abordagem, a autora considera a importância dos processos intersubjetivos, afetivos e emocionais, ao associar os fenômenos psicológicos e sociais com a construção do imaginário.

De acordo com Silva (2001, p. X), “[...] todas [as] instâncias que tocam a fronteira entre psique individual e os estados coletivos podem ser chamados de construtos imaginários [...]”. O imaginário é “[...] um conjunto de imagens e signos, de objetos, de pensamento, cujo alcance, coerência e eficácia podem variar e cujos limites se redefinem sem cessar” (2001, p.17). Ele “[...] afeta os modos de simbolizar o que conhecemos como realidade, e essa atividade, adere a todas as instâncias da nossa vida social.” (2001, p. 47). Do mesmo modo, “[...] o imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade, contada pelos cidadãos diariamente.” (SILVA, 2001, p. 50).

O grau de complexidade que envolve as articulações entre as representações e o imaginário é tecido por vários fios, dentre os quais está a memória. O estoque de conhecimento que ela abriga é possível de ser objetivado através da ação comunicativa. Ou seja, nos processos de mobilização e reconstrução da memória envolvidos no ato narrativo, estão entrelaçados as representações e o imaginário. O ato de narrar é um ato comunicativo mediado por outras instâncias construtoras de sentido no mundo social.

As representações contidas na memória são regidas por processos de mobilidade da própria memória e pelas transformações da subjetividade dos sujeitos. Aquilo que é lembrado são fragmentos resultantes de diferentes camadas temporais que estão sempre passando por modificações. O lugar é o sustentáculo da memória. Assim, a memória é fruto do intenso e variado jogo das vivências, das representações e das rememorações dos sujeitos que são instigados sempre por novas situações e pelo fluxo dos acontecimentos.

As representações sociais que compõem o acervo da memória e, ao mesmo tempo, abastecem o imaginário dos sujeitos, se materializam (objetivam) através das narrativas de um espaço vivido no presente (lugar onde se vive), no passado (rituais da vida coletiva, momentos compartilhados), e também das projeções que se fazem sobre o futuro (expectativas de um lugar a ser conhecido, vivido e experimentado).

As representações dos lugares da cidade, de um tempo vivido, são responsáveis pela construção dos imaginários urbanos, uma vez que elas dão forma às diversificadas memórias individuais e

coletivas que circulam nos diferentes lugares. Para Certeau (1990, p. 176), “[...] os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares, onde “[...] certamente, os processos de caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá).” Portanto, as múltiplas formas de olhar e trilhar a cidade e seus espaços, refletem as diferentes formas de representá-la e imaginá-la.

Na visão de Pesavento (2002, p. 9), “[...] a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros.” Do mesmo modo, as formas de viver a cidade também estão estreitamente ligadas às formas de viver a vida, assim como as representações que se tem da cidade estão ligadas à forma como nela se vive.

Segundo Pérez et. al. (2008, p. 182), “[...] perceber a cidade consiste, não em reproduzir o que é visível, mas, sim, torná-la visível através dos mecanismos da linguagem e da representação, que no esforço de descrevê-la e articular o que conduz o seu funcionamento, uma nova cidade é inventada.” E continua:

Dessa forma, existem inúmeras cidades, construídas a partir dos modos de inserção e circulação que cada indivíduo possui no espaço urbano. O sentido que cada indivíduo atribui ao espaço se dá por meio do seu uso cotidiano e da sua participação, assim como de suas experiências vividas ali. A cidade vivida pelos seus habitantes é recheada de lembranças, afetos e significações, e está sempre em transformação. Os percursos que cada um trilha na cidade se referem a algo existente em nós mesmos (PÉREZ et.al., 2008. p. 182).

Conforme Silva (2001, p. xxvi), “[...] o que faz uma cidade diferente da outra não é só sua capacidade arquitetônica [...], mas os símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-la.” Neste ponto, também é importante observar que a construção do imaginário sobre as cidades está permeada pelas conversas cotidianas dos cidadãos que circulam em diversos espaços sociais: nos passeios, no transitar pelas ruas, onde cada pessoa faz a sua representação da urbe. Assim, os imaginários da cidade refletem a forma como a mesma é apreendida, a partir de diferentes resignificações construídas historicamente. Logo, a cidade, para além de um território físico, é um espaço imaginado, um lugar onde as pessoas aprendem, trocam, partilham suas experiências e saberes. A sua configuração, como o conjunto de espaços físicos e abstratos, figurativos e imaginários, faz com que se construam os imaginários urbanos (SILVA, 2001, p. 65):

Portanto, há aqui diversos fios (representações sociais, imaginários, cidadãos, narrativas, meios de comunicação) que formam um colorido e espesso tecido que dá um lugar no espaço público a estes imaginários urbanos. Cada um destes narradores, contou sua história olhando para um momento importante de vivência, um momento único.

A possibilidade de escrever sobre uma memória guardada, que às vezes nem passa de uma simples lembrança, permite às pessoas tecerem relações e produzirem conhecimentos sobre a cidade, resgatando momentos de suas vidas que estavam guardados na memória e que podem ser acessados através das lembranças. Do mesmo modo, os imaginários narrados passam a fazer parte da vida das pessoas de muitas formas, tornando-se imaginários urbanos, coletivos, divididos com os demais passantes que, ao lerem as publicações, também trazem à tona seus próprios momentos de relação com a cidade.

Segundo Maronna; Vilela (2007, p. 29), a narrativa é “[...] uma prática humana contínua no cotidiano (todos narramos histórias e nos narramos permanentemente)”, pois “[...] como prática é uma forma de conhecimento e organização do mundo, é tentativa de tornar a experiência inteligível e comunicável.” As autoras ainda complementam, afirmando que “[...] a narrativa é produtora de sentido e expressa visões do mundo, legitimando-as, em maior ou menor grau.” Na perspectiva de Lucena e Campos (2008, p. 9): “As narrativas captadas pelo fluxo das lembranças são vivências re-interpretadas, permeadas de significações semelhantes à visão de mundo daquele que narra.” Já para Rosa e Morigi (2007, p. 78), “[...] a experiência individual e social do sujeito narrador se enreda no processo de interpretação e objetivação da experiência de si e dos outros”, uma vez que a mesma pode ser percebida e narrada de diferentes modos, conforme os modelos socioculturais de que participa o narrador.

No entanto, a construção dos imaginários urbanos é mediada por elementos de ordem ideológica, cultural, social e histórica. A mídia se constitui em uma instância mediadora dessas ordens, ao tornar visíveis/públicas as representações sobre a cidade e seus espaços. Esta mediação é exercida pela substancialização dos critérios de noticiabilidade dos acontecimentos.

A mídia é produtora de diferentes discursos sociais, tornando visíveis os seus sentidos no espaço público e, permitindo assim, a circulação das representações sobre a cidade. Tais representações se constituem em formas de interpretar o mundo, os acontecimentos e as realidades refletoras de distintos pontos de vista. Os meios de comunicação, através do agendamento das informações e dos seus conteúdos, fazem uma (re)leitura da realidade que pode interferir nas formas perceptivas das pessoas. Portanto, a mídia, quando agenda e publiciza determinadas narrativas sobre a cidade, legitimando-as, faz parte da construção das “narrativas cidadinas”.

Além disso, ao representar a cidade e seus lugares, a mídia exerce um papel mediador fundamental na constituição do processo de construção dos imaginários urbanos. Ela pode referendar conhecimentos instituídos, preservando e perpetuando a

memória oficial ou enquadrada. Por outro lado, possibilita aos cidadãos olharem e interpretarem a cidade sob outros ângulos e, dessa forma, constituir imaginários instituintes.

A mídia compõe-se de narrativas, imagens, mensagens e informações de conteúdos significativos que servem de matéria-prima para a construção das identidades culturais locais e das diversas memórias que perfazem a cidade, bem como as relações que nela se estabelecem. Nesse sentido, as representações circulam nas narrativas, por meio das mensagens expressas através das palavras, dos sons, das imagens midiáticas, dispostas e ordenadas material e espacialmente. Conforme Moscovici (2003), as diferentes estratégias comunicativas formataram as representações sociais. Assim como as formas de sociabilidade, os gêneros comunicacionais modelam as representações, gerando a diferentes formas de percepção do mundo social.

Portanto, utilizando como lastro os fundamentos apresentados acima, foram analisados os conteúdos das narrativas expressas nas cartas dos leitores participantes de um concurso da mídia impressa.

3 As Narrativas das cartas dos leitores no concurso “A Minha capital”

As cartas são manifestações escritas, compreendidas como narrativas, através das quais é possível analisar as representações dos cidadãos sobre a cidade. Entende-se que o conjunto destas representações dos cidadãos forma o seu imaginário sobre Porto Alegre. Neste contexto, as cartas dos leitores do jornal *Zero Hora* se configuram como um espaço narrativo e uma prática, onde os cidadãos apresentam sua relação com a cidade. Esse espaço narrativo mostra que as experiências cotidianas dos cidadãos mesclam-se as suas percepções, assim como se entrecruzam às imagens e aos símbolos para configurarem os imaginários urbanos.

O tecer de representações sociais sobre os lugares em que se vive, por onde se passa, faz parte das experiências culturais dos cidadãos. Nesta medida, “os imaginários seriam [...] uma maneira subjetiva e grupal de chamar culturas.” (SILVA, 2001, p. XI). A partir das narrativas das cartas, verificaremos de que forma os cidadãos representam Porto Alegre e seus lugares. As representações expressas nas cartas inserem-se em um contexto de resignificação de um olhar sobre a cidade por parte de seus cidadãos que participam da vida e da história da cidade.

Os pesquisadores tiveram acesso às 115 cartas dos leitores enviadas ao jornal. Para fins deste artigo, dada a sua limitação em termos de extensão, analisaremos apenas 5 das 10 cartas selecionadas e publicadas pelo jornal, pois essas narrativas evidenciam, de forma exemplar, os objetivos aqui pretendidos.

Os dez narradores selecionados foram divididos equitativamente entre homens e mulheres, com idades variando entre os 29 e os 64 anos. Todos os selecionados têm escolaridade de nível superior e são oriundos da classe média e alta. As profissões são variadas: juiz, escritor, jornalista, professora aposentada, psicóloga, bancária, empresário, analista de sistemas, funcionário público e um psicanalista. Do total, oito são moradores de Porto Alegre e os outros dois passaram parte de suas vidas na cidade.

As narrativas refletem o trabalho de memória dos leitores, através das suas lembranças sobre a cidade. Neste sentido, recuperar a memória dos cidadãos sobre a cidade de Porto Alegre significa considerar que cada leitor não apenas participa individualmente como cidadão, mas compartilha com os demais das representações e das práticas que compõem o imaginário e a identidade cultural dos porto-alegrenses.

A linguagem das narrativas é marcada pelo uso intensivo de metáforas para denominar os espaços a que se referem. Os títulos – escolhidos pelos editores do jornal no corpo das narrativas – marcam o tipo de relação dos autores com a cidade: “Redenção, este é o meu lugar”, “O Theatro São Pedro, meu coração em Porto Alegre”, “Um lugar especial”, “O segredo da Felicidade”, “Os Arcos da Borges”, “Já foi na Shiga?”, “O Jardim Botânico”, “Morro Santa Teresa”, “A bênção da Catedral” e “O profeta”. “Os Arcos da Borges”. Pode-se observar que tais denominações estão carregadas de uma grande dose de afetividade.

A Catedral Metropolitana, a Rua da Praia, o Theatro São Pedro, a sinagoga de Porto Alegre são outros dos documentos presentes no espaço público, onde estão ancoradas as vivências dos narradores. Estas vivências reforçam as relações de amor com a cidade, com os seus lugares, e também as histórias de amor testemunhadas por estes monumentos.

Para o autor da carta intitulada “**O profeta**”, a Rua da Praia é referenciada como o lugar que mudou sua vida, logo após encontrar-se com um vidente que lhe afirmou ter apenas 24 horas de vida: “Depois da profecia, andei perdido pela Rua da Praia, até concluir que deveria fazer o que tinha vontade e ir mais devagar com minha vida [...] parte de mim morreu. A parte que não sabia viver.” O narrador cita um lugar popular da capital como cenário de um fato inesquecível de sua vida: foi na Rua da Praia, na década de 1970, que o escritor, após sessão com o “Professor Bidu”, resolveu que aproveitaria mais a vida, viveria mais: “Observo detalhes. Tudo está diferente. Sou mais ‘eu’. Represento menos.” Ainda como relevante para o narrador, foi o fato de, após receber a premonição, comprar uma guitarra na Rua da Praia para então dedicar-se às coisas que gosta. A foto que retrata essa perspectiva tem como centro uma guitarra e, ao

fundo, o grande fluxo de pessoas na Rua da Praia, simbolizando a dimensão populacional própria deste local, assim como um contexto que representa o próprio narrador.

Na carta intitulada **“Meu coração em Porto Alegre”**, a autora revela sua paixão pelo Theatro São Pedro e seu desejo de assistir uma peça no local. Longe do monumento, ela diz que só pode “senti-lo” através dos noticiários. Esta história, que remete a um tempo presente, fala de uma relação de amor à distância (a narradora reside em outra cidade) por Porto Alegre e pelo tradicional teatro. A autora relata com emoção uma de suas visitas ao Teatro: “Quando vi aquela porta se abrindo, senti o coração disparar, dei uns dois passos e apenas cheguei até as últimas cadeiras. Tudo começou a girar, a emoção foi tão forte que não dei mais um passo. Fiquei extasiada! [...] olhei para cima e mergulhei num outro mundo, fantástico, combinando com os sonhos tantas vezes sonhados. Senti como se estivesse flutuando, e chorei, paralisada de emoção.” A narradora sonha em um dia poder assistir a uma peça no Teatro São Pedro, pois só pôde visitá-lo enquanto estava vazio. Pode-se observar na narrativa uma forte relação de afeto com Porto Alegre, representada por um de seus maiores monumentos: “O Theatro São Pedro é meu coração em Porto Alegre”. A foto reforça o encantamento traduzido no texto, retratando também a dimensão espetacular do Theatro nas representações externalizadas pela narradora.

Na narrativa intitulada **“A benção da Catedral”**, a autora fala de dois amores: o marido e Porto Alegre. No texto, ela narra uma história de amor vivida durante os passeios por Porto Alegre, onde a Catedral Metropolitana foi considerada como testemunho dessa vivência pessoal de um duplo amor: “Entramos [na Catedral], eu queria te mostrar os Anjos de Locatelli [...] Entramos mudos pela nave imensa, olhos perdidos naquela cúpula incrível [...]. Neste retorno ao passado, a Porto Alegre de Carmen é representada por momentos de amor, que para ela já não existem mais, a não ser entre ela e seu marido: “o nosso amor [apesar dos tempos de desamor] está prometido, garantido e abençoado lá na Catedral [...]” Esta narrativa simboliza um passado cheio de amor, “[...] um enamoramento duplo e simultâneo [...]”, que inspirou a autora a contar esta bela história, que permanece viva na relação com o marido e com a cidade. A foto da reportagem mostra a cúpula da Catedral, lugar onde a autora selou o amor duplo apresentado na narrativa.

A narrativa intitulada **“O segredo da felicidade”**, também tem como tema uma história de amor ocorrida num passado distante, cujo cenário foi uma sinagoga da cidade: “A sinagoga representa para mim a lembrança do primeiro amor, um sentimento universal, sempre puro e intenso.” Esse tema pontuou uma

reflexão sobre felicidade, que também foi associada a vários outros pontos de Porto Alegre: “na beleza do pôr-do-sol do Guaíba [...] no colorido do Brique da Redenção ou no sorriso das crianças no Parcão [...] na sinagoga de Porto Alegre.” A narradora relata um momento importante de sua vida que hoje a faz refletir sobre o que é ser feliz. Momento este que ficou no passado, mas que deixa marcas no presente: “Desde então nunca mais entrei na sinagoga, mas ela é importante para mim”. A foto relacionada à narrativa mostra o altar da sinagoga, representando o lugar especial descrito pela autora.

No texto intitulado “**Morro Santa Teresa**”, o narrador apresenta seus vários olhares sobre o morro, também permeados pelos contrastes entre passado e presente. A ideia de escrever surgiu do fato de o autor ter passado a infância olhando o Morro Santa Teresa de uma perspectiva e, agora, poder observá-lo de uma outra. Para ele, este outro panorama o fez ver o morro de uma maneira diferente. É possível perceber na sua escrita a tensão entre passado e presente, uma vez que a ideia de “ver o Morro” engloba duas perspectivas: a da infância e a da fase adulta. Quando criança, olhava aquela paisagem da janela de seu quarto: “Nas manhãs geladas do inverno gaúcho [...] o morro sumia diante da neblina [...]. Nos finais de ano, a decoração de Natal nas antenas das emissoras de televisão e o pisca-pisca das casas do morro faziam um espetáculo à parte.” Em seu relato, o narrador conta que, quando casou, se mudou para um lugar, onde a vista contempla o outro lado do morro. Hoje, no entanto, o Guaíba é visto pela janela da frente: “Isso até que me agrada um pouco, mas não fico um dia sem abrir a janela dos fundos de casa e dar uma admirada no meu bom, velho e grande vizinho Morro Santa Tereza.” O lugar demarcado - o morro - acompanha o narrador do passado para o presente e ainda continua vivo na sua memória. A foto da reportagem traz uma visão de cima do morro, dando prioridade às antenas das emissoras de TV que geralmente estão associadas às representações sobre este local da cidade.

4 Considerações finais

A pesquisa baseada na análise das narrativas presentes nas cartas participantes do concurso “**A Minha Capital**”, promovido pelo jornal *Zero Hora* no ano de 2007, nos deram pistas para compreender como são tecidos os mapas imaginários sobre a cidade de Porto Alegre e como são construídas as narrativas urbanas. Do mesmo modo, foi possível perceber que a mídia impressa exerce a mediação através da divulgação/disseminação de informações sobre a cidade na construção dos imaginários dos cidadãos sobre a cidade. Ela interfere na leitura que as pessoas farão daquele lugar, fornecendo elementos simbólicos para a elaboração dos imagi-

nários das pessoas sobre o espaço. Desta forma, são enredados e entrelaçados as representações e os imaginários urbanos com a história individual e coletiva dos cidadãos.

As narrativas das cartas de *Zero Hora* refletem o trabalho de memória dos leitores, através das suas lembranças sobre a cidade. Neste sentido, recuperar a memória dos cidadãos sobre a cidade de Porto Alegre significa considerar que cada leitor não apenas participa individualmente como cidadão, mas compartilha com os demais das representações e das práticas que compõem o imaginário e a identidade cultural da cidade.

Por meio das narrativas constantes das cartas do concurso, Porto Alegre é vista como uma cidade de nostalgia, na qual os espaços públicos se revelam como pontos absolutamente relevantes aos narradores, pois foi possível perceber que os esses possuem uma ligação de afetividade com a cidade, uma vez que a forma como cada narrador imprime o seu olhar, está permeada por laços afetivos e de pertencimento ao lugar, revelando o que compõe a sua própria memória. A cidade é a personagem principal e o seu protagonismo acaba por se confundir com a vida de cada narrador que, por sua vez, também é parte dela.

Nas representações dos narradores sobre a cidade, aparece a idéia de uma cidade “tranqüila”, o que, provavelmente, é referido a um local que “conheceram ou viveram”, pois é uma imagem predominantemente remetida ao passado. O “centro” se constitui no “símbolo máximo da cidade”. Quando não pertencente a essa região da urbe, a maioria das referências físicas aponta os lugares periféricos, os seus arredores.

A partir da análise apresentada, é possível afirmar que a maior parte das representações associadas à cidade é positiva, assim como se verifica uma predominância do passado sobre o presente, denotando a superioridade de certa nostalgia em detrimento de qualquer crítica envolvendo problemas atuais da cidade. Porto Alegre é imaginada pelos seus narradores, como seu nome mesmo a define: “alegre”. A cidade é considerada um local de “hospitalidade”, de “modernidade”, de lazer e, sobretudo, um espaço da cultura.

The Mediation of letters from readers in the media: imaginary maps about Porto Alegre

ABSTRACT

This article is a part of the research “Porto Alegre Imaginada: the citizen’s representations upon their city”. Here, the objective is to comprehend how Porto Alegre citizen’s imaginary is built from crossing’s representations, about the city which circulates on the media, and from official data. Hence, it becomes possible to identify the different dimensions on the urban imaginary’s built. It shows the *Zero Hora* reader’s representations over the city from their narratives. The analyse’s corpus was settle with letters sent by *Zero Hora*’s readers as part of a competition promoted by TIM

(Telecom Italia mobile), named A Minha Capital "My Capital", to celebrate the 235 years of Porto Alegre, in 2007. The conclusion is that the print newspaper when publish the informative contents of narrative, shows images about Porto Alegre and its residents, permeated by symbols that have as a reference the inside imaginary about the city, based on the citizen's relation that reinforce the bounds of belonging to the local culture identity.

KEYWORDS: Urban imaginary. Media. Cultural identity. Porto Alegre imaginada.

La Mediación de las cartas de los lectores em la midia: mapas imaginarios sobre Porto Alegre

RESUMEN

El artículo hace parte de la investigación "Porto Alegre Imaginada: representaciones de los ciudadanos sobre la ciudad cuyo objetivo es comprender el modo como se construye el imaginario de los porto-alegrenses a partir del cruce de las representaciones sobre la ciudad que circulan en los medios de comunicación y en datos oficiales, identificando las diferentes dimensiones en la construcción de los imaginarios urbanos. Muestra las representaciones que sobre la ciudad tienen los lectores del periódico *Zero Hora* de Porto Alegre a través de sus narrativas.

El corpus fue construido a partir de las cartas enviadas por los lectores a *Zero Hora* con ocasión de un concurso promovido por TIM (Telecom Itália Móvil) titulado "Mi Capital" para conmemorar los 235 años de la capital gaúcha em 2007. Se concluye que el periódico, al vehicular contenidos informativos de narrativas, hace circular imágenes de la ciudad e de sus habitantes permeadas por símbolos que tienen como referencia el imaginario instituido sobre la ciudad, basado en una relación de los ciudadanos que refuerza los lazos de pertenencia como el lugar de su identidad cultural.

PALABRAS CLAVE: Imaginario urbano. Midia. Identidad cultural. Porto Alegre imaginada.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano I: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

CHARTIER, Roger. **El Mundo como representación:** estudios sobre história cultural. Barcelona : Gedisa, 1996.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os Contextos do saber:** representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, M. Christina S. de S. **Práticas e representações.** São Paulo: Humanitas/ CERU, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em Psicologia Social. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PÉREZ, Beatriz Corsino (et. al.). Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro. **Psicologia**

& Sociedade, Rio de Janeiro, v.20, n.2, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ROSA, Rosane; MORIGI, Valdir. A construção da identidade do sujeito na narrativa jornalística de ZH: análise do caso Viamão. In: MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane, MEURER, Flávio (Orgs.). **Mídia e representações da infância**: narrativas contemporâneas. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

Valdir Jose Morigi

*Doutor em Sociologia
Professor Associado da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS)
E-mail: valdir.morigi@ufrgs.br*

Carla Pires Vieira da Rocha

*Mestre em Comunicação e Informação pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)
E-mail: carlapvrocha@hotmail.com*

Marcia Castro

*Mestre em Mídias da Universidade de
Campinas (UNICAMP)
Email: borgesmc5@yahoo.com.br*